



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



**Relatório final de estágio realizado na Escola Básica e Secundária da
Cidadela, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

Orientadora:

Professora Doutora Vanda Filipa Duarte Guerra

Presidente:

Doutor Adilson Passos da Costa Marques, professor auxiliar com agregação da
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutora Luiza Moreira, professora auxiliar convidada da Faculdade de Motricidade
Humana da Universidade de Lisboa

Doutora Vanda Filipa Duarte Guerra, professora auxiliar convidada da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mariana Luísa Amaro Branco

2024



UNIVERSIDADE DE LISBOA



FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA

**Relatório final de estágio realizado na Escola Básica e Secundária da
Cidadela, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

Este relatório foi produzido com base na experiência do Estágio Pedagógico em Educação Física, desenvolvido na Escola Básica e Secundária da Cidadela, sob supervisão da Doutora Vanda Filipa Duarte Guerra e da Licenciada Patrícia Maria Fernandes dos Santos, no ano letivo de 2022/2023.

Mariana Luísa Amaro Branco

2024

Agradecimentos

À minha família, em especial ao meu companheiro de vida, João, o meu profundo agradecimento pelo apoio e incentivo e por perceberem a minha ausência durante mais tempo do que queria.

Aos meus colegas de turma, Ana Rita Lourenço, José Mourato e Pedro Batista por todos os momentos partilhados e por puxarem por mim sempre. Sem vocês teria sido muito mais difícil.

Às professoras orientadoras Patrícia Santos e Vanda Guerra, pela partilha e ajuda constante, frontalidade e sentido crítico ao longo de todo o ano letivo. A exigência de ambas fez-me crescer como pessoa e futura profissional.

A toda a comunidade da Escola Básica e Secundária da Cidadela o meu agradecimento por me terem recebido na vossa casa, fazendo-me sentir parte dela. À professora Isabel Guerreiro e ao professor Félix Bolaños por todos os ensinamentos e por me darem outras perspetivas do ensino.

À turma do 10^oC por me ajudarem a crescer como professora e por me ensinarem tanto. Não me poderia ter calhado melhor.

Por fim, a todos os que fizeram parte desta etapa e contribuíram para o meu crescimento como profissional e pessoa, o meu sincero agradecimento.

Resumo

Serve o presente relatório como documento final do estágio pedagógico realizado na escola básica e secundária da Cidadela, no ano letivo de 2022/2023.

Ao longo do documento será feita uma descrição e análise reflexiva sobre a minha experiência enquanto estagiária, evidenciando as quatro áreas de formação: Área 1 - Organização e gestão do ensino e aprendizagem; Área 2 - Inovação e investigação pedagógica; Área 3 – Participação na escola; Área 4 – Relação com a comunidade.

Ser professor acarreta muito mais do que o processo ensino-aprendizagem, sendo perceptível a participação em várias vertentes do ensino e não só, uma realidade para mim desconhecida.

Nos vários capítulos tento descrever os objetivos que tinha, as dificuldades que senti e como fui tentando superá-las.

Palavras-chave: educação física; estágio pedagógico; ensino; professor; formação

Abstract

This report serves as the final document of the pedagogical internship carried out at the Escola básica e secundária da Cidadela, in the academic year 2022/2023.

Throughout the document, a description and reflective analysis will be made about my experience as an intern, highlighting the four areas of training: Area 1 - Organization and management of teaching and learning; Area 2 - Innovation and pedagogical research; Area 3 – Participation in school; Area 4 – Relationship with the community.

Being a teacher involves much more than the teaching-learning process, with participation in various aspects of teaching and beyond being noticeable, an unknown reality for me.

In the various chapters I try to describe the goals I had, the difficulties I felt and how I tried to overcome them.

Keywords: physical education; pedagogical internship; teaching; teacher; training

Lista de abreviaturas

AE – Aprendizagens Essenciais

AI – Avaliação Inicial

CAP – Comunidades de Aprendizagem Profissional

EBSC – Escola Básica e Secundária da Cidadela

EF – Educação Física

GEF – Grupo de Educação Física

NE – Núcleo de Estágio

PAT – Plano Anual de Turma

PLNM – Português Língua Não Materna

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

UE – Unidade de Ensino

Índice

Agradecimentos.....	3
Resumo	4
Abstract	5
Lista de abreviaturas.....	6
Índice.....	7
1. Introdução.....	9
2. UM NOVO LUGAR, NOVAS PESSOAS E NOVOS DESAFIOS.....	11
2.1. Caracterização da EBSC e do Agrupamento de Escolas da Cidadela.....	12
2.2. Quem faz parte do agrupamento: Corpo Docente e Não Docente.....	13
2.3. Quem faz parte do agrupamento: Os alunos	14
2.4. Quem faz parte do agrupamento: O Grupo de Educação Física	16
2.5. O Núcleo de Estágio.....	17
2.6. 10°C: A minha turma	18
2.7. Recursos para a lecionação da Educação Física	19
3. SER PROFESSORA: ENSINAR E APRENDER	22
3.1. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	22
3.1.1. Planeamento	22
3.1.1.1. Planeamento da Avaliação Inicial – A primeira dor de cabeça	23
3.1.1.2. Plano Anual de Turma – Como planear a longo prazo?	25
3.1.2. Condução do ensino.....	26
3.1.2.1. Feedback.....	27
3.1.2.2. Estilos de Ensino	28
3.1.3. Avaliação.....	30
3.1.4. Semana de professor a tempo inteiro	33

3.1.5.	Coadjuvação ao 1º ciclo	34
3.2.	Área 2 - Que fatores influenciam a motivação dos professores do Agrupamento de Escolas da Cidadela?	36
3.3.	Área 3 – Participação na escola	38
3.3.1.	Desporto Escolar	38
3.3.2.	Organização de um evento: Acampamento em Foz de Alge	39
3.3.3.	Participação em outras atividades escolares	40
3.4.	Área 4 – Relações com a comunidade	41
	Reflexão final	44
	Bibliografia	46
	Legislação consultada	48

1. Introdução

Este relatório tem como objetivo detalhar a vivência durante o estágio pedagógico orientado no segundo ano do mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos básico e secundário. O guia de estágio e o projeto individual de formação foram os principais documentos orientadores que delinearão os objetivos e as expectativas para este período de estágio.

O principal objetivo concentra-se em descrever e refletir sobre as experiências educativas vivenciadas ao longo do ano letivo, destacando a responsabilidade e a relevância desta fase no meu crescimento profissional como futura professora de Educação Física.

Numa primeira fase deste relatório, foi feita uma breve caracterização do local onde decorreu o meu estágio curricular, a escola básica e secundária da Cidadela, bem como do corpo docente e não docente, dos alunos e em específico do grupo de educação física e do núcleo de estágio presente no ano letivo de 2022/2023.

Posteriormente são descritas as quatro áreas onde se centra o trabalho desenvolvido: a área 1 (organização e gestão do ensino aprendizagem) que é caracterizada por todo o processo de planeamento feito ao longo do ano, pela subárea da condução de ensino, destacando a instrução, os tipos de *feedback* e estilos de ensino utilizados, e pelos vários processos de avaliação, inicial, formativa e sumativa. Encerrando esta área, um breve destaque para a semana de professor a tempo inteiro, onde experienciei dar um número de aulas equivalente a um horário completo de professor e à coadjuvação feita ao 1º ciclo de ensino básico. Na área 2 (inovação e investigação pedagógica), é descrita e feita uma reflexão da investigação realizada pelo núcleo de estágio, com o tema “Que fatores influenciam a motivação dos professores do Agrupamento de Escolas da Cidadela?”, enquanto na área 3 (participação na escola) é apresentado o trabalho desenvolvido no desporto escolar de Padel, a organização de um evento, nomeadamente o acampamento de exploração da natureza com os alunos do 10º ano e por fim a participação na organização de outras atividades do panorama desportivo realizadas na escola. Por fim, a área 4 (relações com a comunidade) dá ênfase ao trabalho desenvolvido na coadjuvação de uma direção de turma e todas atividades inerentes à mesma.

Durante a execução deste relatório, procurei descrever o principal trabalho desenvolvido nas várias áreas, sendo impossível ir a todas as tarefas desenvolvidas por

ser um número muito extenso, refletir sobre o mesmo e fundamentar sempre que possível o descrito e opinado.

Termino este relatório com uma reflexão final de tudo o que fez parte deste intenso estágio curricular, resumindo assim um ano de muitas experiências e aprendizagem.

2. UM NOVO LUGAR, NOVAS PESSOAS E NOVOS DESAFIOS

Se me dissessem há uma década atrás quando terminei o ensino obrigatório que voltaria a frequentar uma escola, não acreditaria. Se me dissessem que seria não só para aprender, mas também para ensinar, duvidaria desta afirmação. Eis que em Setembro de 2022 começou o estágio que me levaria a descobrir que sempre foi isto que quis e só poderia ter escolhido este caminho.

A importância da escola transcende o mero ensino de conteúdos académicos, moldando o indivíduo, preparando-o para enfrentar os desafios da vida, contribuindo para a comunidade e tornando-o um membro ativo e responsável da sociedade. Segundo Vasconcelos (2007), a escola fornece um horizonte mais amplo no qual a criança ou o jovem inscrevem as suas vidas. Mais do que a soma das suas rotinas, regras, horários, resultados de avaliação (...) um lugar onde as crianças e os jovens sintam que são importantes, não instrumentalmente, porque estão presentes e fazem parte de um número determinado, mas existencialmente, porque se trata de uma paisagem em que elas têm significado e um sentido de pertença. (Polakow, 1993 citado por Vasconcelos, 2007)

A valorização dada à escola e a tudo o que a envolve percebe-se primeiramente quando passamos os portões e examinamos o seu espaço, se está cuidado ou não, se existe algo que a diferencia ou se é constituída apenas por edifícios com salas de aula, serviços e algum espaço de lazer. Em seguida, observam-se as pessoas que têm neste espaço o seu local de trabalho: Será que gostam de estar aqui? Se pudessem, mudariam para outro lugar? Será que os alunos lhes dão a devida importância? Estes últimos têm também um papel relevante, devendo partir deles ações que enfatizem a importância da escola e do meio escolar, beneficiando assim de um crescimento pessoal e social positivo.

Neste capítulo será feita uma contextualização do agrupamento e da EBSC a nível espacial, temporal e material, onde o foco principal será relacionado com a educação física, bem como uma caracterização do corpo docente e não docente, dos alunos, do grupo disciplinar de Educação Física (GDEF), do Núcleo de Estágio (NE) e da turma à qual lecionei as aulas neste ano letivo.

2.1. Caracterização da EBSC e do Agrupamento de Escolas da Cidadela

Para a caracterização deste e de qualquer agrupamento, é importante a consulta de três instrumentos referidos no artigo 9º do DL nº.75/2008. Estes são o **projeto educativo**, que como referido no mesmo consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas, o **regulamento interno**, que define o funcionamento do agrupamento e o **plano plurianual de atividades**, constituído pelos documentos de planeamento, definindo os objetivos, formas de organização e programação das atividades. É de extrema importância a consulta dos mesmos no início do ano letivo e sempre que necessário para uma melhor visão do agrupamento e escola, conseguindo entender a sua dinâmica e orientação através dos mesmos.

Constatado no projeto educativo 2022-2025, o Agrupamento de Escolas da Cidadela situa-se no concelho de Cascais e foi formado em 2012 pelas seguintes escolas: EBSC (a escola sede), Escola Básica do 1ºciclo da Malveira da Serra (com Jardim de Infância), Jardim de Infância de Murches, Escola Básica do 1º ciclo José Jorge Letria (com Jardim de Infância) e Escola Básica do 1º ciclo de Cobre. Este agrupamento serve as freguesias de Alcabideche, Cascais e Estoril e inclui todos os níveis de ensino desde a pré-escolar até ao ensino secundário.

No que diz respeito à EBSC, esta localiza-se na Rua Doutor Fernando Batista Veigas, em Cascais e foi fundada em 23 de Outubro de 1993 sendo a escola sede do agrupamento e a única que inclui os ensinos básico (2º e 3º ciclo) e os ensinos secundário e profissional. Conta com cinco blocos constituídos por salas de aula, serviços como a direção, a biblioteca, a sala de professores e a secretaria, um bloco com o refeitório, bar, papelaria e auditório e um pavilhão gimnodesportivo.

A EBSC encontrava-se em obras na minha primeira visita, camuflando assim como seria aquele espaço e algumas das suas valências. Em comparação com as escolas que frequentei enquanto aluna, achei um espaço carente de algumas infraestruturas tais como espaços de lazer e desportivos, algo que se veio a confirmar ao longo do ano depois de observar que a adesão dos alunos à prática de atividade física nos intervalos era grande. Contudo, é uma escola que tem as condições necessárias para a lecionação de aulas, investindo em tecnologias diferenciadoras, apostando em projetos inovadores de apoio aos alunos e ao seu desenvolvimento e realizando ao longo do ano um grande número de atividades.

2.2. Quem faz parte do agrupamento: Corpo Docente e Não Docente

Uma escola é mais do que um espaço físico onde ocorre a transmissão de conhecimento, é também um ambiente complexo que requer a colaboração de diversos profissionais para garantir uma aprendizagem favorável e enriquecedora. Tanto o corpo docente quanto o não docente desempenham papéis fundamentais nesse processo, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos. Este primeiro é composto por professores e técnicos especializados que compartilham o seu conhecimento, estimulam o pensamento e orientam os alunos no crescimento escolar e pessoal. Vão ser os intérpretes principais deste processo que transformará de forma decisiva as práticas culturais e sociais (Nóvoa, A. 1989). Já o corpo não docente, constituído pelos assistentes operacionais, assistentes técnicos e técnicos superiores têm um papel fundamental na organização e segurança da escola, garantindo assim um bom funcionamento da mesma, beneficiando todos os envolvidos.

Entre pessoal docente e não docente no ano letivo de 2021/2022 encontravam-se em funções no agrupamento 139 docentes, 11 técnicos especializados, 39 assistentes operacionais, 10 assistentes técnicos e 3 técnicos superiores. Trata-se de um grupo em que grande parte se encontra ao serviço deste agrupamento há vários anos, acumulando experiência e conhecimentos sobre o mesmo. Isso traduz-se, a meu ver, num benefício substancial para os alunos, que possuem constância ao longo dos anos letivos, e para os encarregados de educação, que vão progressivamente se familiarizando com as mesmas faces em diferentes ocasiões, o que lhes proporciona um sentimento de tranquilidade.

Ao longo do ano letivo, devido às minhas limitações de tempo, tive poucas oportunidades de interagir com professores, funcionários e outros colaboradores não docentes da escola. Agora, olhando para trás, acredito ter perdido momentos de aprendizagem e crescimento académico e pessoal muitas vezes só ganho em momentos de partilha e conversas informais. Apesar desses poucos momentos, quando aconteceram tentei aproveitá-los ouvindo opiniões diferentes, questionando as minhas dúvidas e pedindo apreciações sempre que era possível, desde em momentos formais como reuniões ou momentos informais na sala de professores, no pavilhão gimnodesportivo ou no gabinete de educação física. King (1997) citado por Fino, C. N. (2001), afirma que a aprendizagem de conhecimentos e de habilidades ocorre num contexto social no interior do qual o adulto ou uma criança, mais aptos, guiam uma atividade de um indivíduo menos apto. (...) O aprendiz, enquanto vai assumindo maior responsabilidade cognitiva sobre a

gestão da atividade vai gradualmente interiorizando os procedimentos e o conhecimento envolvidos, enquanto se vai tornando mais auto regulado na tarefa ou na habilidade.

2.3. Quem faz parte do agrupamento: Os alunos

Promulgado no artigo 7º do DL nº51/2012, entre outras referências, o aluno tem direito a ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas. Tem também direito usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso. Justino, D. (2017) afirma que compete à escola *“formar pessoas livres e autónomas, disciplinadas e respeitadoras, tolerantes e solidárias, que ousem questionar o adquirido e saibam pensar os problemas e superar os desafios de cada momento”*.

Os últimos dados disponíveis de 2021/2022 indicam que fazem parte do agrupamento 1460 alunos, existindo um número elevado de alunos de nacionalidade estrangeira (24%), onde 8,4% tem o português como língua não materna (PLNM). Para existir uma igualdade de oportunidades, foi desenvolvido um plano de intervenção transversal de PLNM, auxiliando assim os alunos na sua integração e desenvolvimento.

A migração é um fenómeno a meu ver cada vez mais comum, levando as pessoas a deixar o seu local de residência em busca de uma melhor qualidade de vida ou de um emprego com uma função superior. Essa expressividade observa-se conseqüentemente nas escolas, onde existem alunos de várias etnias, com diferentes culturas e formas de comunicar.

Citado por Perdigão, M. (2005) no documento *Português Língua Não Materna – Documento Orientador*, a escola e a sociedade devem empenhar-se com o objetivo de:

- Repensar a educação em função da diversidade linguística e cultural, incentivando uma cultura de escola;
- Flexibilizar as práticas de ensino, adequando-as às necessidades dos alunos e mobilizando os seus conhecimentos linguísticos e outros, de modo a facilitar o acesso ao currículo comum;

- Garantir a integração dos alunos, não só a nível escolar, mas também a nível socio-afetivo;
- Garantir a participação dos alunos enquanto cidadãos de direito próprio, obrigados aos mesmos deveres e com os mesmos direitos que os cidadãos nacionais;
- Criar condições de acolhimento e acompanhamento no processo de aprendizagem. Estas condições e estruturas deverão assegurar a integração de todos os alunos e o acesso ao currículo de forma faseada para os alunos cujas necessidades de aprendizagem os situam na fase de iniciação à língua.

O Agrupamento de Escolas da Cidadela conta também com 32% dos alunos beneficiados com o apoio da Ação Social Escolar. Lucas, A. J. D. C. (2018) adverte que as medidas de ação social escolar foram sempre no sentido de igualizar as condições de acesso à escola, de criar igualização de frequência, ou seja, de proporcionar a oportunidade de os alunos frequentarem a escola, sem que essas iniciativas pudessem garantir condições de sucesso por não serem suficientes para esbater a diversidade de perfis culturais e económicos, face a uma escolarização de resposta uniformizada.

Tive a perceção do número elevado de alunos de diferentes nacionalidades na EBSC desde os primeiros dias pois é bastante evidente a multiculturalidade presente em todos os anos de escolaridade. Nota-se uma prevalência de alunos de ascendência brasileira e provenientes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) justificada a meu ver pela facilidade na comunicação e por serem países com uma grande prevalência de migrantes no nosso país. Devido ao conflito armado que se instaurou nos países de leste e por serem países que procuram Portugal para uma melhor qualidade de vida, também alunos desta nacionalidade estão em grande presença. Para colmatar as diferenças linguísticas e promover uma melhor aprendizagem, os alunos PLNM são acompanhados em aulas específicas de português adaptadas às suas necessidades, tendo também auxílios nas outras matérias. A meu ver, esse trabalho é essencial para que se sintam apoiados pela comunidade escolar, sendo também de extrema importância a cooperação de todos os alunos no acolhimento dos mesmos, algo que me pareceu ocorrer positivamente.

2.4. Quem faz parte do agrupamento: O Grupo de Educação Física

O AEC está dividido em seis departamentos curriculares onde estão inseridos os grupos de recrutamento/áreas disciplinares. O Grupo de Educação Física (GEF) está inserido no departamento de expressões em conjunto com a Educação Visual e Tecnológica, Educação Musical, Artes Visuais e Educação Especial.

O GEF é composto por oito professores e três estagiários, suprimindo um dos estagiários a meio do ano letivo, um grupo relativamente pequeno que conta com quatro professoras efetivas que trabalham no agrupamento há vários anos e quatro professores colocados pela primeira vez na EBSC. Considero que o grupo, por ser novo e não conhecerem o método de trabalho já estabelecido na escola, teve algumas dificuldades de comunicação e adaptação ao longo do ano. Para colmatar isso, as reuniões de GEF serviram também para esclarecimentos de dúvidas, apresentação dos métodos de trabalho e discussão dos mesmos, algo que levou o grupo a tornar-se mais coerente. Também as conversas informais foram importantes para que se conhecessem e cada um percebesse os diferentes métodos de trabalho e como se poderiam ajudar.

O trabalho coletivo desenvolvido pelo GEF assume -se como um fator determinante no sucesso dos alunos através do desenvolvimento profissional contextualizado. Neste sentido, as orientações metodológicas dos PNEF evidenciam referências concretas consonantes com a investigação, e em particular com o quadro das CAP, devendo assim assumir -se como uma ferramenta basilar no trabalho do desenvolvimento curricular dos alunos a estabelecer pelos professores.

(Costa, J., Onofre, M., Martins, M., Marques, A., & Martins, J., 2013)

Durante o processo de estágio estive presente nas reuniões do GEF e também numa reunião no início de ano letivo com todo o departamento de expressões. Essas reuniões serviam para o grupo definir objetivos anuais, preparar as atividades presentes no PAA (Plano Anual de Atividades) e discutir variados temas pertinentes ao grupo. Na maior parte das reuniões apenas assisti às mesmas, dando o meu parecer apenas quando solicitado, tentando perceber como se desenrolam e quais os assuntos que um GEF tem a tratar ao longo do ano. Também tive a oportunidade de assistir a algumas aulas de outros professores de EF que me permitiram ter outras visões de diferentes estilos de ensino, abordagens e organização. Essa participação nas aulas de outros professores é essencial

para a formação académica e pessoal, conseguindo extrair delas diferentes perspetivas do ensino e conhecimentos que fui pondo em prática ao longo do ano e que me ajudaram no desenvolvimento de capacidades, principalmente nas que tinha algumas dificuldades. Consegui também com isso perceber a adaptação que tem de ser feita nos vários anos letivos, consoante o nível dos alunos, o nível da turma e os objetivos finais. Observei por exemplo professores que fazem distinção no ensino, dividindo os alunos com mais capacidades dos alunos com menos capacidades e colocando objetivos diferentes, bem como outros que privilegiam o ensino equitativo, tendo os mesmos objetivos e níveis para toda a turma. Essas diferentes abordagens fizeram-me pensar na abordagem que deveria ter nas várias matérias com uma turma tão heterogénea como a minha, onde diferentes abordagens poderiam fazer sentido.

2.5. O Núcleo de Estágio

No ano letivo de 2022/2023 o NE foi composto pelas professoras orientadoras Patrícia Santos e Vanda Guerra, a primeira pertencente à EBSC e a segunda à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, bem como por três estagiários numa fase inicial.

Durante o estágio é imprescindível o trabalho colaborativo dentro no NE. Nós, estagiários, apenas nos conhecíamos informalmente do primeiro ano de faculdade, nunca tendo trabalhado juntos anteriormente. Isso foi um desafio principalmente durante uma fase inicial de estágio pois cada um tinha os seus métodos de trabalho que nem sempre eram idênticos e muitas vezes elaboramos trabalhos individualmente que poderiam ter sido feitos em NE, poupando tempo, discutindo diferentes perspetivas que nos poderiam ser úteis e conhecendo-nos melhor para que o trabalho colaborativo começasse a fluir de outra forma. Ao longo do estágio, apesar de existirem momentos e algumas tarefas em que não existiu essa entreaajuda, a colaboração foi melhorando, existindo maior cooperação e partilha entre todos.

As turmas que nos foram designadas foram os 10^o anos. Existindo apenas três turmas em que uma ficou atribuída à professora orientadora Patrícia Santos, um dos meus colegas estagiários ficou responsável por uma turma de 12^o ano. Essas quatro turmas compreendiam os cursos Científico-humanísticos de Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades, Artes Visuais e Ciências Socioeconómicas. Para além de serem todas de

áreas diferentes, eram turmas distintas em termos de comportamento, empenho e colaboração, o que nos permitiu ter várias perspetivas de como adaptar as aulas a cada, utilizando estratégias e formas de lidar dispares.

Ao longo do ano letivo foi uma constante as reuniões do NE diárias, onde após todas as aulas fazíamos um resumo das mesmas, existindo feedbacks por parte do professor que dava a aula, da professora orientadora e dos colegas estagiários, algo que considero imprescindível em qualquer estágio pois são nessas trocas de ideias que nos apercebemos muitas vezes do que correu bem e mal, de como podemos melhorar e também de como adaptar algumas situações para a nossa turma, consoante o que aconteceu na aula do colega. Essas reuniões serviam também para planearmos e calendarizarmos todos os documentos escritos que tínhamos de entregar ao longo do ano, outro ponto que eu acho imprescindível pois ao fazermos essa calendarização tínhamos tudo planeado para que não acumulássemos trabalho e não existissem momentos em que teríamos pouca coisa para fazer e outros que estaríamos sobrelotados, impossibilitando-nos de fazer tudo a tempo e com a qualidade necessária.

No início de Maio o NE ficou reduzido a dois estagiários pois um terceiro elemento acabou por desistir.

2.6. 10°C: A minha turma

Foi a turma do 10°C a quem eu lecionei aulas ao longo do ano letivo de 2022/2023. Desta turma faziam parte 28 alunos, sendo 16 pertencentes ao curso científico-humanístico de Línguas e Humanidades e os restantes 12 ao curso científico-humanístico de Artes Visuais. Com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos, faziam parte da turma vários alunos de outras nacionalidades e em condições de avaliação diferentes: Dois alunos de nacionalidade estrangeira, russa e ucraniana, que falam português fluente e vivem em Portugal há vários anos. Uma aluna de nacionalidade japonesa, que se encontrava ao abrigo do programa intercâmbio AFS Portugal – Famílias de acolhimento. Esta aluna não falava português e tinha um nível de inglês intermédio. A avaliação desta aluna foi diferente, consoante as grelhas de avaliação fornecidas pela AFS. Por último, dois alunos refugiados que o propósito foi a sua integração na sociedade portuguesa e não tiveram avaliação como os restantes. Estes alunos vieram do campo de refugiados da ilha de Lesbos, naturais da Somália e Camarões, e estão em Portugal ao abrigo da Aldeia SOS

de Bicesse. É também importante referir que esta turma era constituída maioritariamente por alunos do sexo feminino, 20, enquanto os rapazes completavam a turma com 8 elementos.

Em termos de comportamento, era uma turma cumpridora, participativa e interessada, que apesar de faladora, nunca passou os limites do tolerável. Existiu sempre um clima de respeito entre professor-aluno e aluno-aluno, o que facilitou nos momentos de partilha e aprendizagem. Na aula de educação física a turma apresentava-se muito heterogénea, existindo alunos com muitas dificuldades de aprendizagem e superação e outros alunos muito acima da média, com facilidade na maior parte das matérias.

No início da lecionação de uma unidade curricular, o professor tende a ver a turma como um todo homogéneo. Mas, com o decorrer do semestre, cada aluno afirma a sua identidade como um ser único com capacidades, dificuldades, características e problemas diferentes dos restantes. (Martins, Maria do Carmo, 2014)

Esta foi a maior dificuldade sentida ao dar aulas a esta turma, pois tendo alunos de níveis tão diferentes tinha de planear e adaptar a aula de modo a estimular todos e garantir que existisse aprendizagem em todos os níveis. Para isso, foi imprescindível o planeamento antecipado de todas as sessões já tendo em conta as possíveis dificuldades que iria encontrar. A prévia formação de grupos e a organização das estações de trabalho foram algumas das estratégias utilizadas, bem como estudar antecipadamente as matérias, sabendo assim o que adaptar se necessário maior ou menos dificuldade.

2.7. Recursos para a lecionação da Educação Física

A EBSC funciona por semestres, iniciando o ano letivo a 19 de Setembro de 2022, terminando o primeiro semestre a 27 de Janeiro de 2023, sendo o segundo semestre de 6 de Fevereiro a 14 de Junho de 2023. O final dos mesmos coincide com as avaliações, existindo também a meio de cada, um momento de avaliação formativa, as avaliações intercalares, que permite aos alunos perceber em que nível se encontram e onde ainda podem melhorar.

As aulas de EF no ensino secundário têm uma duração de 150 minutos semanais, divididos em uma aula de 100 minutos e uma de 50. A escola possui quatro espaços destinados à lecionação das aulas de EF: O ginásio, o pavilhão, a bancada e o relvado. Os

dois primeiros espaços referidos são interiores e têm dois balneários de apoio, um feminino e outro masculino. A bancada e o relvado encontram-se no exterior e também estes têm dois balneários nas mesmas condições. Ambos os espaços possuem uma arrecadação com todo o material necessário para lecionar as aulas. O espaço denominado “bancada” corresponde a uma zona ampla de cimento, com 3 tabelas de basquetebol, um campo de voleibol desenhado no chão (sem a possibilidade de serem colocados os postes e redes) e uma bancada com escadas. Frequentemente é utilizado para lecionar matérias com basquetebol, ténis, atletismo, aptidão física ou treinos de força. O espaço do relvado está equipado com um campo de andebol, duas balizas, quatro tabelas de basquetebol, uma zona de lançamento do peso, com areia, e quatro pistas de velocidade de 40 metros. É maioritariamente utilizado para as modalidades de desportos coletivos, atletismo e também teste de aptidão física. Por fim, as duas instalações interiores, o ginásio e o pavilhão, são apoiadas por balneários e zona de arrumação, sendo as instalações mais polivalentes. O ginásio está equipado com material para lecionar ginástica de solo, aparelhos e acrobática, bem como espelhos para a lecionação de dança. Já no pavilhão são dados todos os desportos coletivos, atletismo e testes de aptidão física, tendo também uma parede equipada para a prática de escalada.

Os espaços disponíveis na EBSC trouxeram-me alguma segurança, mas também alguns desafios no planeamento das sessões. Considero os espaços interiores e o espaço exterior do relvado bastante polivalentes e suficientemente equipados para uma boa lecionação, visualização e controlo da turma num espaço. O espaço exterior da bancada é um espaço que foi adaptado para a prática de EF por existir uma necessidade de uma zona extra e possuir três cestos de basquetebol e uma zona ampla que permite a prática de outras matérias. Foi na bancada que senti mais dificuldades em planear uma sessão pois são poucas as matérias que se conseguem abordar e tendo uma turma grande torna-se ainda mais complicado conseguir aproveitar o espaço da melhor maneira. Para além disso, em termos de controlo da turma e visualização é um desafio constante pois não é um espaço amplo na sua totalidade, existindo duas laterais que não permitem visualização se não estiver nessa área e uma grande distância entre zonas, perdendo bastante tempo nas transições e na visualização de toda a sessão.

A rotação pelos espaços foi previamente definida através de um *roulement* aprovado na reunião do GEF no início do ano letivo, sendo as rotações semanais nas primeiras dez semanas, fase de avaliação inicial, e posteriormente foram feitas rotações quinzenais. A ordem da rotação foi sempre entre um espaço interior e exterior para evitar que imprevistos

climatéricos prejudiquem o mesmo professor e turma durante um longo período. Pessoalmente, acredito que a abordagem de rotação quinzenal é mais vantajosa, pois permite que haja mais consolidação de matérias. Isso é particularmente importante em matérias como a ginástica, que são ensinadas exclusivamente no ginásio.

3. SER PROFESSORA: ENSINAR E APRENDER

Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

(Nóvoa, 1995)

O ensino de Educação Física é um processo interpessoal, intencional, visando não só promover a aprendizagem de matérias e habilidades específicas, mas também o desenvolvimento de competências socioculturais essenciais à socialização e à integração cultural de todos os jovens. Este processo mobiliza as capacidades, os pensamentos e as ações de professores e alunos.

(da Costa, F. C., 1996)

3.1. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

O processo de ensino-aprendizagem é formado pelo planeamento, avaliação e condução de ensino. Os três devem estar interligados para garantir o sucesso no que queremos ensinar e na aprendizagem efetiva que os alunos irão beneficiar.

Considerando o planeamento como a base destas subáreas, deve ser nele incorporado os momentos de avaliação e também planificado questões como a gestão e instrução da aula ou formação de grupos. Este trabalho prévio permite que os objetivos da aula sejam claros para o professor e para os alunos, facilitando a gestão da aula e evitando tempos de espera prolongados, como na formação de grupos ou troca de tarefas.

3.1.1. Planeamento

O processo de planeamento permite orientar o processo de ensino de forma a possibilitar a potencialização de aprendizagens significativas aos alunos a que se destina (Matos, 2010). Genericamente, este define-se pelo conjunto de decisões prévias à intervenção pedagógica na fase pré-interativa de ensino (que objetivos, o que ensinar, como organizar a aula e as tarefas, como gerir o tempo...) (Januário, 2017). É sempre

percecionada como complicada, sobretudo quando reconhecemos a complexidade e imprevisibilidade do ensino (Onofre & Teixeira, 2009).

Concordando com o referido pelos autores acima mencionados, dei uma grande relevância ao planeamento desde o início do ano letivo até à última aula, procurando estabelecer um plano sólido que me permitisse tomar decisões de maneira projetada e ajustá-las de acordo com as diretrizes curriculares, as Aprendizagens Essenciais (AE) e o Programa Nacional de Educação Física (PNEF). Também tive em consideração características específicas como as orientações da escola, os recursos disponíveis e os meus pontos fortes e fracos. Por fim, o planeamento teve um foco constante nos alunos, no que diz respeito à turma e individualmente, considerando as suas particularidades e necessidades únicas. Em função dos resultados da caracterização, define os objetivos que prevê que os alunos possam vir a atingir no tempo disponível e nas condições contextuais existentes. (Quina, 2009)

Nos pontos seguintes serão abordados alguns dos documentos elaborados ao longo do ano letivo, com destaque para o primeiro grande planeamento, a Avaliação Inicial (AI) e para o Plano Anual de Turma (PAT). Como considero os Planos de Aula (PA) e as Unidades de Ensino (UE) algo com grande peso e importância, irei também abordar este tema em específico.

3.1.1.1. Planeamento da Avaliação Inicial – A primeira dor de cabeça

Iniciado o processo de estágio, o primeiro grande desafio foi o planeamento da etapa de AI. Esta, em concordância com todo o GEF teve a duração de oito semanas, um período alargado em comparação com a referência dada por Carvalho (1994) onde a AI deve prolongar-se entre quatro e cinco semanas.

Segundo o Ministério da Educação (2001), a AI está descrita nos PNEF como um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular.

Para a elaboração deste planeamento recorri essencialmente ao protocolo de avaliação da escola e às AE, documentos importantes para que haja uma uniformidade no ensino e avaliação entre todos os professores e turmas.

O pouco conhecimento das instalações e a distribuição das matérias pelas aulas foram os principais desafios, não tendo noção de quantas matérias abordar por aula e quais matérias dar mais prioridade. Como resolução, as reuniões do núcleo de estágio foram fundamentais onde a orientadora da escola esclareceu dúvidas e deu dicas para o planeamento correr dentro do idealizado.

Outros constrangimentos sentidos foram ligados à escolha correta de exercícios de modo a facilitar a avaliação do pretendido. Muitas vezes os exercícios escolhidos eram demasiado complexos ou pareciam não ter um objetivo principal o que dificulta o processo de avaliação de uma pessoa que ainda não tem experiência. A solução para este caso foi simplificar os exercícios, escolhendo os que tenham como foco principal o que pretendemos observar e/ou optar por exercícios com uma maior complexidade e focarmos apenas em analisar o que é do nosso interesse, podendo até sobrevalorizar o objetivo principal no exercício, atribuindo-lhe um maior valor/pontuação para motivar os alunos a realizá-lo mais vezes.

Existiram também outros aspetos relevantes, como limitações no calendário devido a condições meteorológicas desfavoráveis e projetos escolares que foram obrigando constantemente a modificar o planeamento, acabando por não usufruir do tempo idealizado de prática em algumas matérias. Para que a avaliação dos alunos não fosse comprometida, o planeamento foi sendo ajustado e optou-se por filmar algumas aulas para que ficasse tudo registado, facilitando o trabalho do professor e permitindo que a avaliação pudesse ser revista posteriormente com mais pormenor.

Dentro do planeamento da AI, surgiu uma outra tarefa relativa ao planeamento das aulas: Construir um modelo de plano de aula que servisse como base para o planeamento de todas as aulas. Teve como suporte os modelos utilizados em anos anteriores e planos feitos por nós anteriormente. Para além deste modelo, de forma a facilitar o momento de avaliação, foram construídas grelhas de avaliação de todas as matérias. Estas foram realizadas pelo núcleo de estágio, dividindo as várias matérias pelos três estagiários. Foram consultadas as grelhas já existentes do ano anterior para perceber como se processavam e qual o modelo a utilizar. Para o preenchimento das mesmas foram consultados as *Aprendizagens Essenciais* e o protocolo de avaliação de Educação Física realizado pelo grupo de Educação Física da escola. Apesar de ter algum conhecimento em

maior parte das matérias, este é muito superficial, levando às minhas principais dificuldades terem sido a falta de noção do que era importante avaliar e do que priorizar no meio de tantos aspetos importantes. A partilha de ideias dentro do núcleo de estágio e a pesquisa autónoma à cerca das modalidades foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, assim como a revisão feita várias vezes pela professora orientadora, de modo a melhorarmos até atingirmos o produto final.

3.1.1.2. Plano Anual de Turma – Como planear a longo prazo?

O PAT deve ser fundamentado com os resultados obtidos na AI, pois são esses valores que serão utilizados para prognosticar o nível dos alunos e delinear os objetivos ao longo do ano. É importante que seja feito após a AI, estabelecendo metas intermediárias que permitam medir a progressão dos alunos e adequar o plano às suas necessidades (Araújo, 2007).

Sendo um planeamento a longo prazo, é difícil delinear objetivos para todas as etapas e existir um propósito para cada matéria ser dada na altura definida. Para que existisse uma lógica nas decisões tomadas ao longo do PAT, foi visto inicialmente a rotação das turmas pelos espaços existentes para a prática com o intuito de distribuir as matérias pelos espaços ideais. Também foi essencial fazer o levantamento dos torneios marcados das várias modalidades, colocando sempre que possível a modalidade correspondente nas aulas antecedentes para além da aprendizagem, servisse também de treino.

Uma outra dificuldade sentida foi a definição de objetivos para cada aluno em cada matéria até ao final do ano. Apesar da AI nos dar dados de onde o aluno se encontra e a perceção de que alguns alunos têm margem de progressão, o não conhecimento da turma e do que são capazes dificulta este prognóstico e torna-o menos real. Tendo isso em conta, a estratégia utilizada foi prognosticar nas matérias onde o aluno tem maior potencial de progressão e ter especial atenção aos alunos com mais dificuldades, tentando perceber que matérias é necessário trabalhar mais para obter um resultado positivo no final.

Comum a todos os planeamentos descritos está a falta de experiência a construir os mesmos, sendo fundamental discutir ideias com professores mais experientes, tentar encontrar soluções para o que correu menos bem e continuar a implementar o que funcionou bem. Também o estudo constante é fundamental para que haja evolução, sendo

esse estudo sobre as matérias a lecionar, o ensino em si ou estratégias a ter durante uma aula, garantido assim um ensino de sucesso.

3.1.2. Condução do ensino

Um ensino de qualidade em educação física (EF) depende, em grande parte, da capacidade do professor organizar as situações de aprendizagem com vista a que todos os alunos, independentemente das suas características, desenvolvam os conhecimentos, atitudes e competências necessárias para adotarem e manterem um estilo de vida fisicamente ativo e saudável durante a escolaridade e ao longo da vida.

(Gomes, L., Martins, J., & Carreiro da Costa, F., 2017)

Nesta subárea foi dada importância aos estilos de ensino, aos procedimentos de gestão da aula, à instrução e ao *feedback* pedagógico. Desde o início, devem ser criadas rotinas de organização com a turma para o que tempo despendido nesta tarefa seja reduzido, aumentando assim o tempo disponível para instrução e prática. A utilização dos estilos de ensino adequados e a criação de grupos de trabalho são também essenciais neste processo.

A minha principal dificuldade foi na condução e instrução de matérias onde tinha menos domínio, tais como a ginástica e a dança, sendo esta última a modalidade que me deixava mais receosa, considerando-a o meu “calcanhar de Aquiles”. Expondo desde o início o meu receio, contei prontamente com a ajuda da professora orientadora que teve um papel importante nas primeiras aulas, guiando as mesmas até ao ponto em que eu já conseguiria instruir a turma com mais confiança. Para tentar colmatar essa falha, para além de treinar em casa, fiz todas as aulas juntamente com os alunos, quer na minha turma como nas restantes turmas dos meus colegas estagiários. Isso fez com que as coreografias comesçassem a ser mais familiares e percebi também o tipo de *feedbacks* que poderia dar e o tipo de comando a utilizar neste tipo de leção. Considero que consegui evoluir ao longo do ano letivo nestas vertentes, tendo consciência que terei sempre de trabalhar mais afincadamente nestas matérias para que não existam hesitações na hora do ensino das mesmas.

Ao nível da instrução, tentei desde o início que a mesma fosse sempre clara, curta e concisa. Este tipo de linguagem permite que todos os alunos, mesmo não dominando a

temática ou tendo mais dificuldades de interpretação, consigam compreender o pretendido facilmente, poupando tempo desnecessário numa instrução longa que poderia suscitar confusão e conseqüentemente obrigação de uma nova explicação. Para facilitar este processo, as matérias foram estudadas previamente, dando maior ênfase às matérias que não dominava, tornando assim mais fácil a instrução das mesmas e a resposta a possíveis dúvidas por parte dos alunos. Estes procedimentos de intervenção pedagógica, segundo Onofre (1995), prescrevem duas regras importantes que o professor deverá procurar respeitar. A primeira diz respeito à tentativa de redução de tempo gasto nos momentos de informação à turma (...) e a segunda diz respeito à clareza e objetividade com que se realiza a informação, pois delas vai depender o grau de consciência sobre os desafios da aprendizagem com que o aluno parte para a atividade e, conseqüentemente, a forma como se empenhará no cumprimento desses desafios.

3.1.2.1. Feedback

O feedback deve focar-se nos atributos do trabalho desenvolvido pelo aluno e não no aluno como ser aprendiz; o feedback deve ser descritivo, revelando ao aluno como realizar mais e melhor da próxima vez, e não meramente avaliativo; deve ser suficientemente detalhado para ser proveitoso; deve ser produzido em tempo útil para permitir a melhoria na aprendizagem; e, por fim, deve ser claramente compreendido pelo aluno, permitindo que este entenda o que é necessário fazer para melhorar.

(Araújo, 2005)

No que diz respeito ao *feedback*, é dos comportamentos de ensino do professor o mais influente na aprendizagem. (...) e é importante que seja adequado às necessidades e capacidades dos alunos. (Quina, J., Carreiro da Costa, F., & Alves Diniz, J., 1998) Entendemos por *feedback* pedagógico a reação do treinador à prestação motora dos praticantes com o objetivo de lhes proporcionar uma informação sobre a sua qualidade, cujo conteúdo pode assumir as características de juízo de valor, de descrição neutra da prestação ou de indicação dos erros a não cometer numa próxima execução. (Carreiro da Costa, F., 1986)

Ao longo das aulas fui ganhando mais à vontade na condução das mesmas e focando-me no *feedback* e sua qualidade. Contudo, o *feedback* requer o conhecimento profundo dos critérios ou objetivos de aprendizagem, a capacidade para fazer

comparações multicriteriais e o desenvolvimento de ações para reduzir a discrepância entre o que é produzido e o que se pretende produzir (Araújo, 2005).

Inicialmente, o tipo de *feedback* feito por mim era algo superficial, sem grande conteúdo e maioritariamente direcionado para os mesmos alunos e/ou grupo. Para conseguir melhorar, foi necessário um estudo prévio das matérias a lecionar, aprofundando os erros mais comuns e onde seria importante os alunos terem uma apreciação que os ajudasse a melhorar. Considero que evolui na qualidade dos *feedbacks* dados, direcionando-os maioritariamente a nível individual e/ou em grupo e de forma auditiva e visual. A minha maior dificuldade foi não exagerar na quantidade de *feedbacks* positivos como o “Boa!” “Muito bem!” “É isso mesmo!”, que acabam por perder o seu valor quando pronunciados em exagero, e também o fechar o ciclo de *feedback*, acontecendo muitas vezes corrigir algo e não esperar para confirmar se o aluno tinha entendido e caso fosse necessário, explicar outra vez. Contudo, foquei-me nestas dificuldades que foram sendo corrigidas ao longo do ano letivo, chegando ao final com uma melhoria nestes parâmetros.

3.1.2.2. Estilos de Ensino

Segundo Mosston e Ashworth (2008), um estilo de ensino é um plano para fornecer informações, garantir oportunidades de prática, e transmitir *feedback*, de modo a que haja uma melhor compreensão e aquisição de conceitos, numa determinada área temática por parte dos alunos. O espectro dos estilos de ensino funciona como um guia ou mapa do processo ensino aprendizagem, criando uma visão cumulativa de ações que o professor deve implementar no processo de ensino.

Os estilos de ensino têm assim um papel fundamental na orientação do professor em todo o processo. Com base nas características da turma, de cada aluno e do tipo de matéria a abordar, o professor deve adotar o melhor método de ensino consoante o pretendido. O espectro engloba onze diferentes estilos de ensino, onde cada um tem as suas

características singulares em relação aos comportamentos do ensino e da aprendizagem e cria condições próprias para alcançar determinados objetivos.

A figura 1 representa os estilos de ensino segundo Mosston e Ashworth (2008) e está estruturada em dois distintos grupos:

- De A a E os estilos de ensino convergentes ou de reprodução, onde o objetivo é a



Figura 1 - Estilos de ensino

reprodução de conhecimentos e habilidades. Os conteúdos abrangem regras, habilidades específicas e uma forma correta de a tarefa ser realizada.

- De F a K, os estilos de ensino divergentes ou de produção, onde a os conhecimentos e habilidades ganhos devem ter maior grau de decisão por parte dos alunos. Ao contrário dos estilos convergentes, estes apresentam alternativas à realização da tarefa, analisando diferentes alternativas para a resolução dos problemas. Através da tomada de decisão, professor-aluno, esta vai mudando ao longo do espectro, sendo no A (comando), onde o professor tem o máximo poder na decisão e o aluno o menor e no K a inversão desses papéis, esperando-se que o aluno tenha o seu máximo poder de decisão e o professor o menor. Essa “mudança de papéis” é visível ao longo dos estilos de ensino presentes no espectro. O aluno vai progressivamente aumentando a sua responsabilidade, enquanto o papel do professor é de dar cada vez mais autonomia ao aluno.

A barreira da eficiência, presente na figura 1 entre o E e o F, divide os espectros convergentes e divergentes, marcando assim a “barreira” que divide os estilos de ensino que proporcionam as aprendizagens de memória e repetição de tarefas, consentimento cognitivo), dos espectros de F a K, que estimulam a criação e a descoberta de solução autonomamente. É importante referir que nenhum estilo é melhor ou mais indicado e que cabe ao professor definir qual o melhor consoante o que a investigação afirma ser um método eficaz, consoante os objetivos definidos, o contexto e as características dos alunos.

Numa fase inicial, onde não conhecia os alunos, a turma e as suas valências, utilizei os estilos de ensino convergentes, onde a decisão das tarefas era planeada por mim e os alunos executavam o pretendido. O ensino por tarefa foi o mais utilizado desde o início do ano letivo, mantendo-se uma das escolhas principais até ao final, pois considero que apesar da turma ser bastante colaborativa, não tinham muita autonomia quando lhes era solicitado participar mais ativamente na decisão de tarefas. O ensino por comando foi o escolhido nas primeiras aulas de matérias como a ginástica e a dança, evoluindo ao longo do tempo para um estilo de ensino mais divergente, onde por exemplo na ginástica acrobática, a descoberta guiada foi utilizada quando os alunos tiveram como objetivo final preparar uma coreografia com figuras e elementos de ligação à sua escolha, tendo apenas como diretrizes o tempo da coreografia e o número mínimo de figuras a realizar. Com o avançar do tempo e já conhecendo os alunos, utilizei também na modalidade de atletismo o ensino recíproco, onde elaborei uma ficha com os critérios de avaliação e os alunos em pares autoavaliavam-se. Para garantir que esta tarefa era bem-sucedida, os alunos tiveram também a tarefa de se filmar a executar os exercícios, para que eu conseguisse perceber posteriormente se a tarefa tinha sido executada com sucesso e se os alunos conseguiam ser justos neste tipo de ensino. Ao longo do ano letivo tentei explorar os estilos de ensino que na minha ótica fariam sentido nesta turma e em tarefas/modalidades específicas, percebendo as vantagens e desvantagens de cada, ajustando por vezes as minhas escolhas consoante a resposta que ia tendo. Tendo noção que poderia ter experimentado outros tipos de ensino, reflexiono que poderia ter arriscado em mais variedade pois acredito que a turma iria beneficiar com isso e ter estímulos diferentes ao longo do ensino. Será algo a melhorar futuramente.

3.1.3. Avaliação

É, hoje, clara para todos os professores a necessidade de utilizar a avaliação como suporte de todas as decisões que se tomam no âmbito do ensino e da aprendizagem dos alunos (Araújo, 2007). Partindo das orientações programáticas, definimos um processo de avaliação do aluno assente na valorização do desempenho nas três áreas de extensão: Atividades Físicas, Aptidão Física e Conhecimentos; que correspondem aos parâmetros de avaliação. (Saraiva, 2017)

Segundo Cardinet (1986), a avaliação, como suporte das decisões curriculares, só faz sentido se for assumida na sua pluralidade de funções – orientadora, reguladora e certificadora, mas sempre numa perspectiva integrada.

A avaliação tem como base três momentos: a avaliação inicial, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. A avaliação inicial consiste num primeiro diagnóstico feito no começo do ano letivo, com o objetivo de avaliar em que nível está o aluno e o que precisa de aprender e corrigir. O professor fica a conhecer os alunos, as suas dificuldades e a partir daí planejar a melhor estratégia para desenvolver as suas aptidões, respeitando sempre a matéria presente nos programas nacionais de educação física. Essa avaliação pode ser feita a partir de uma avaliação diagnóstica escrita, um questionário, um texto, ou o mais comum na educação física, avaliação por meio de uma atividade. De salientar que esta avaliação não conta para nota, servindo só para avaliar em que nível o aluno se encontra. Quando não existe um momento inicial de avaliação diagnóstica, pode acontecer diversos problemas na aquisição de competências, compreensão ou progressão nos exercícios, pois o aluno pode não ter as bases necessárias e ser prejudicada indiretamente. A avaliação formativa é feita através da recolha de informação contínua e sistemática, ao longo de um certo período. É essencial que esta avaliação se realize para haver sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Tendo a educação física como exemplo, o trabalho é feito por unidades de ensino, um conjunto de aulas de um determinado tema, e no final dessa unidade deve ser feita uma avaliação formativa de modo a perceber se os objetivos foram conseguidos e se pode avançar ou se, por outro lado, existiu alguma matéria que não atingiu o pretendido e é necessário reajustar as aulas e definir estratégias para os alunos trabalharem as suas dificuldades. Por último, a avaliação sumativa diz respeito à avaliação feita em todo o ano letivo, englobando todas as avaliações sumativas anteriormente descritas. Para que esta avaliação seja mais consciente e certa, deve recorrer-se às avaliações formativas pois servem como base das unidades avaliadas ao longo de todo o ano. Comparando a avaliação formativa e sumativa, Harlen (2006), diz que ambas diferem na forma de recolher e interpretar as evidências, na forma como os alunos são envolvidos no processo, mas, de uma forma determinante, no propósito com que se usam as inferências, proporcionando decisões ou ações subsequentes diferenciadas.

A AI foi o primeiro contacto com o processo de avaliação, onde senti dificuldades principalmente por falta de experiência neste tipo de procedimentos e por não saber que método utilizar para o fazer com sucesso. Avaliar corretamente o nível de cada aluno em cada matéria e conseguir fazê-lo durante o tempo disponível na aula foram um desafio em

que necessitei de repensar a estratégia a utilizar e também pedir opinião a pessoas mais experientes, discutindo ideias com o núcleo de estágio e principalmente com a orientadora. Também um estudo das matérias a lecionar foi feito para ser mais fácil entender o pretendido na avaliação. As fichas de registo construídas facilitaram muito este processo, sendo mais fácil a partir das mesmas perceber o que era necessário avaliar e registar, percebendo assim em que nível os alunos se encontravam.

Outra estratégia que utilizada para facilitar este processo de avaliação foi definir o que avaliar e quando o fazer no planeamento de uma aula. Muitas vezes os exercícios escolhidos eram demasiado complexos e acontecia não me focar no objetivo, tentando ver tudo ao mesmo tempo e acabando por não ver metade do que tinha idealizado. Para isso, defini nos planos de aula o que avaliar (gesto técnico, movimentações ou controlo), escolhendo exercícios simples que me facilitassem e só depois de ter visto todos os alunos a executar, me focava em outro objetivo. Aconteceu também, quando o número de aulas de uma matéria era mais reduzido, filmar a aula ou partes da mesma para fazer uma análise posterior ou confirmar alguma nota que tinha em dúvida.

Relativamente à avaliação sumativa, a preparação da mesma foi feita ao longo do semestre, desde a avaliação inicial, utilizando as fichas de registo já elaboradas, o recurso a filmagens de aulas/exercícios e discutidas em núcleo de estágio. A maior dificuldade sentida foi conseguir recolher todos os dados dos alunos referentes a todas as matérias abordadas, pois sendo uma turma grande é difícil conseguir visualizar todas as componentes que fazem parte da avaliação, bem como alguns alunos faltarem em momentos essenciais e/ou o planeamento ter sido alterado, a aula não decorrer ou decorrer de uma outra forma. Qualquer que seja o objetivo da avaliação e as decisões daí decorrentes o professor confronta-se com um problema: recolher com o rigor (pedagógico) e a objetividade possíveis informações que fundamentem as suas decisões pedagógicas (Carvalho, L. M. D., 1994). Para tentar colmatar essa dificuldade, tentei no final de cada aula apontar tudo o que conseguia e planear a avaliação da aula seguinte tendo em conta o que me faltava avaliar, em quem tinha de me focar e se necessário, fazer algumas filmagens para mais tarde visualizar.

Já a avaliação formativa, tentei a partir da AI dar mais a conhecer aos alunos as suas avaliações e os objetivos específicos que tinha com eles. Para além da avaliação informal que acontece em todas as aulas, elaborei documentos que coloquei na *Classroom* para conhecimento dos alunos em relação às avaliações do 1º semestre, nomeadamente os níveis obtidos em todas as matérias abordadas e os valores obtidos nos testes de

aptidão física. Para além disso, coloquei objetivos específicos e individualizados que defini para cada dentro das matérias, bem como objetivos intermédios.

Depois da primeira avaliação sumativa, defini momentos de autoavaliação e heteroavaliação ao longo do ano letivo, que foram sendo mais frequentes, consoante as UE de cada matéria foram sendo concluídas. É um ponto que considero bastante importante, onde se percebe se os alunos têm noção do seu nível, algo que por vezes não acontece e causa alguma frustração e falta de entendimento das avaliações dadas. Implementando estas avaliações os alunos demonstraram interesse nas mesmas, questionando o que poderiam melhorar e/ou onde se focar para obter melhores resultados. Respondendo às dúvidas que foram surgindo por parte dos mesmos, as avaliações e objetivos ficaram mais claros, permitindo assim um foco mais específico nas matérias e assim aumentar a avaliação final.

Por último, com o objetivo dos alunos progredirem e se focarem nos seus pontos menos bons e/ou melhorassem algumas valências que estavam quase a ser atingidas, disponibilizei em algumas aulas folhas com os objetivos individuais de cada aluno, para que melhorassem as suas avaliações e trabalhassem individualmente para os mesmos. Como o feedback por parte dos alunos foi positivo, foi algo que adotei durante as aulas das várias matérias.

3.1.4. Semana de professor a tempo inteiro

A semana de Professor a Tempo Inteiro (PTI) veio reforçar a certeza que a lecionação de aulas é o caminho que quero seguir futuramente, com gosto e certeza que darei sempre o meu melhor para incutir o gosto pela prática de educação física aos meus alunos. Ao longo das aulas dadas durante os cinco dias, vivenciei o dia-a-dia de um professor com horário completo, sendo um tempo de lecionação muito superior ao que estava habituada no estágio. O peso dessa carga letiva fez-se sentir nos últimos dias, onde me sentia mais cansada do que o normal, mas ao mesmo tempo ansiosa para mais uma aula e mais uma experiência. O maior desafio foi sem dúvida a capacidade de adaptação a cada turma, não conhecendo os alunos, as dinâmicas da turma, rotinas e comportamentos. Para ser de mais fácil gestão, deveria ter existido da minha parte uma prévia observação das aulas das várias turmas, percebendo assim alguns pontos chave que me ajudariam no planeamento, organização da turma e identificação de alunos que mereceriam uma atenção especial. Também as diferenças entre anos de escolaridade fizeram com que a minha abordagem durante as aulas se alterasse, sendo as primeiras

aulas de cada ano um desafio até encontrar a melhor maneira de abordar os alunos e ser compreendida.

No caso das três turmas de 2º ciclo a quem lecionei aulas, é essencial que a instrução seja curta, clara e com linguagem acessível, para que entendam o pretendido e também a demonstração deve ser feita em maior parte dos exercícios, pois só a instrução verbal por vezes não é suficiente. Como em ambos os anos (5º e 6º) as matérias abordadas foram a primeira vez que experienciaram este ano letivo, foi importante um acompanhamento constante de modo a corrigir os erros identificados, evitando que se tornassem repetitivos e fossem de mais difícil correção posteriormente. Nas duas turmas de 2º ciclo, de 7º e 8º ano, os alunos compreendiam mais facilmente o pretendido, eram mais autónomos e tinham mais noção do conteúdo das matérias. Como fui observando aulas do professor titular do 7º ano durante o semestre, já sabendo a sua forma de trabalhar foi mais fácil a preparação desta aula e a organização da turma.

Como balanço geral, acho de extrema importância a passagem por esta experiência no estágio pois dá-nos a perceção do trabalho que um professor tem com várias turmas, do planeamento que é necessário, das adaptações em cada ano de escolaridade, da importância das rotinas e da linguagem utilizada.

3.1.5. Coadjuvação ao 1º ciclo

Desde o início do ano letivo que nos foi proposto fazer coadjuvação às aulas de EF do 1º ciclo, assistindo às mesmas e participando quando possível na realização das tarefas. Tendo ficado responsável um professor de EF pela lecionação das aulas do 2º ano para que existisse uma melhor preparação para as provas de aferição que se realizariam no final do ano letivo, ficou acordado que existindo três escolas no agrupamento do 1º ciclo, cada estagiário seguiria o trabalho realizado em uma delas. Infelizmente ao longo do ano não foi possível que esta coadjuvação fosse feita de forma contínua devido à sobreposição de outras tarefas e aulas durante os horários destinados à lecionação da EF no 1º ciclo e também em virtude de o professor responsável ter-se ausentado várias semanas por baixa médica, não permitindo que essa coadjuvação fosse feita nesse período.

Contudo, foi-me possível assistir e também participar em algumas aulas, conseguindo passar pelas três escolas e assim perceber as diferenças e realidades de

cada. Fui responsável por alguns aquecimentos bem como algumas atividades definidas pelo professor, ajudando na sua organização e participando se necessário. Este trabalho foi importante para perceber a realidade de um ciclo onde não tinha muita experiência e observar como este trabalho é feito em escolas que não têm tantos recursos espaciais e materiais, bem como o envolvimento dos professores titulares em todo o processo. Acredito que se esta coadjuvação foi importante pelos pontos anteriormente referidos mas teria tido outra importância se tivesse sido feita de forma continua ao longo de todo o ano letivo, pois não pude observar a evolução dos alunos, o aproveitamento dos espaços e todos os recursos disponíveis, bem como criar alguma ligação com os alunos, algo que influencia tanto o ensino como a resposta obtida através dela.

3.2. Área 2 - Que fatores influenciam a motivação dos professores do Agrupamento de Escolas da Cidadela?

Fazendo parte da Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica, o núcleo de estágio do Agrupamento de Escolas da Cidadela decidiu abordar o tema da motivação dos professores. Este tema permitiu-nos ligar esta área com a área 4 - relações com a comunidade, inquirindo e pedindo a colaboração de todos os docentes do agrupamento.

O trabalho dos docentes no meio escolar não se restringe apenas à transmissão de conhecimentos sobre o mundo, a sociedade e a futura profissão que os alunos escolhem seguir. Requer responsabilidade, pois depende do seu conhecimento e forma como é transmitido o sucesso ou insucesso escolar.

A motivação dos professores pode influenciar como os conhecimentos são transmitidos, a própria motivação dos alunos e a forma como a profissão é reconhecida perante a sociedade.

Sendo uma investigação ligada à escola e para apresentar futuramente à comunidade escolar, decidimos inquirir alguns professores e órgãos de gestão da mesma, pedindo opiniões sobre a temática que tínhamos em mente. Como a resposta foi positiva, decidimos avançar com o tema, percebendo mais tarde que o poderíamos ligar, em jeito de comparação, com um outro estudo feito pelo núcleo de estágio de 2004/2005 onde a temática era idêntica. A escolha deste tema deveu-se a ser um tópico bastante discutido na atualidade, onde os professores demonstram a sua insatisfação com alguns aspetos da profissão docente. O estudo serve não só para perceber essas insatisfações, mas também para entender qual a motivação em seguir esta profissão e se essa motivação se mantém ao longo dos anos, entre outros aspetos. Para conseguirmos perceber esses níveis de motivação, foi desenvolvido e aplicado um questionário com várias questões ligadas ao tema que foram analisadas e comparadas com um estudo realizado no mesmo agrupamento e por outros estudos realizados e publicados dentro da mesma temática.

A pesquisa de bibliografia foi um grande obstáculo, pois maior parte dos estudos eram ligados aos alunos e não aos professores. Também foi difícil estruturar o processo de recolha e tratamento de dados, onde a professora orientadora nos deu uma grande ajuda, calendarizando connosco todas as etapas até termos o planeamento delineado até à fase final. Sobre a dificuldade em encontrar bibliografia, pedimos ajuda aos docentes da

faculdade que nos deram dicas de autores e de possíveis estudos que ligariam ao nosso tema, tornando assim o processo mais fácil.

Na fase em que já tínhamos os dados dos questionários e a pesquisa bibliográfica feita, o objetivo principal foi fazer a análise dos dados utilizando o software SPSS e a partir daí correlacionar com a bibliografia existente sobre o tema, com o questionário efetuado pelo núcleo de estágio de 2004/2005 sobre a mesma temática e com um questionário de 2016 que achamos pertinente. Tivemos algumas dificuldades pois não estávamos à vontade com o software SPSS, perdendo muito tempo a tentar entender e tendo que adiar a apresentação.

Por má gestão de tempo e algum cansaço acumulado, considero que o nosso estudo ficou aquém do que desejávamos. Também a apresentação foi marcada para uma altura pouco favorável, no final do semestre onde os professores estão com muito trabalho e numa semana também de provas de aferição, tendo a apresentação pouca aderência o que levou ao “cancelamento” da mesma, apresentando assim apenas para as orientadoras de estágio. Contudo, dentro de todas as limitações, esforçamo-nos para fazer um trabalho com uma apresentação de resultados clara, com comparações aos estudos anteriormente referidos e com alguma sustentação biográfica. A melhorar, certamente uma melhor gestão de tempo, preparando antecipadamente todas as fases do estudo e sobretudo pedir ajuda em relação ao software SPSS, pois considero que foi o que mais dificuldades nos proporcionou, limitando a partir daí todo o processo.

3.3. Área 3 – Participação na escola

Ao longo do período de estágio, foi-me proposto dentro da área 3 a participação e coadjuvação de uma modalidade de desporto escolar, a organização e implementação de uma atividade de dinamização da escola bem como a participação nas atividades escolares ligadas à educação física. Estas foram desenvolvidas ao longo do ano letivo, em momentos específicos previamente programados. Para que esta área fosse bem sucedida, foi essencial interligar com o conhecimento que fui adquirindo ao longo do ano na área 1, onde o planeamento, avaliação e condução de ensino foram pensados para que houvesse sucesso nas atividades.

3.3.1. Desporto Escolar

A modalidade de desporto escolar que tive oportunidade de acompanhar foi o Padel, com um treino semanal à quinta-feira entre as 14h30 e as 17h10. Sendo um desporto que estava pouco familiarizada, inicialmente apenas observei os treinos e ajudei o professor responsável na organização dos mesmos. Para ganhar à vontade com a modalidade, o professor responsável teve um papel fundamental, ficando comigo depois dos treinos a jogar, dando-me feedback constante, corrigindo-me no necessário e explicando o objetivo de cada exercício. Também investi em aulas particulares da modalidade, o que me deu um rápido à vontade na lecionação e um gosto por este desporto, algo que mantenho até aos dias de hoje. Ultrapassando os receios iniciais, fui tendo gradualmente um papel mais ativo nos treinos, ficando muitas vezes responsável pelo grupo dos iniciantes, lecionando maior parte da aula. Senti que principalmente este grupo não fazia distinção entre mim e o professor responsável, recorrendo a qualquer um quando necessário. Foi sem dúvida um grande fator de motivação, que me levou a estar ainda mais envolvida no grupo e a ter um grande prazer em lecionar esta modalidade.

Sensivelmente a meio do ano letivo, o professor responsável por motivos de saúde teve de se ausentar várias semanas, sendo a professora orientadora quem assumiu a equipa para que não existissem paragem nos treinos. A partir desta data, os treinos foram planeados por mim, onde as tarefas foram divididas com a professora orientadora, de maneira a dar continuidade ao trabalho já desenvolvido, com foco principal nos torneios finais que se avizinhavam. Para esse planeamento tive em conta o nível em que os alunos

se encontravam, o que seria mais importante trabalhar e os objetivos finais que delineeii com o professor responsável no início do ano letivo. Estando o grupo dividido em dois subgrupos (alunos que iniciaram a modalidade este ano letivo e alunos que já tinham experiência na mesma), planificava dois treinos distintos consoante o objetivo e discutia com a professora orientadora o que fazer durante o treino. Conseguimos obter boas classificações nos torneios, e a época desportiva desta modalidade encerrou com um torneio organizado por mim, onde foi permitido aos alunos levarem um familiar para jogar, num minitorneio amigável que contou com a participação de maior parte no núcleo.

Considero que todos os objetivos nesta subárea foram concluídos com sucesso, existindo sempre um bom clima no núcleo, superação por parte de todos e uma evolução continua, tanto por parte dos alunos como por minha. Afirmando também que inesperadamente, foi uma das áreas de todo o estágio que me deu mais gosto colaborar e participar.

3.3.2. Organização de um evento: Acampamento em Foz de Alge

Discutidas algumas ideias em núcleo de estágio sobre possíveis eventos que poderíamos dinamizar, optamos por seguir uma das propostas da professora orientadora por bom feedback e nos parecer algo que os alunos iriam aderir e ficar motivados para participar. Optamos pela organização de um acampamento de 3 dias em Foz de Alge (Figueiró dos Vinhos) para os alunos do 10º ano com o intuito de os alunos poderem experienciar matérias novas, presentes nas AE como as atividades de exploração da natureza, canoagem e orientação. Com foco também em desenvolverem outras competências socio emocionais como o autoconhecimento, a autoconfiança, a empatia, a resiliência, bem como a ajuda, a cooperação, a organização do grupo para tarefas comuns e a gestão dos recursos.

Decidido que o mesmo iria acontecer na última semana de aulas, entre 12 e 14 de Junho de 2023, iniciamos a organização do mesmo em meados de Janeiro para que existisse tempo para planear tudo e para que os alunos tivessem conhecimento do mesmo atempadamente e oportunidade de fazer o seu pagamento faseado. Contactamos a empresa *Fun With Work* que trabalha há vários anos com a escola e ajuda a organizar maior parte das atividades, disponibilizando o material necessário e tratando de todas as autorizações. A partir daí, foi delineado em conjunto o planeamento de todas as atividades,

bem como dado a conhecer aos alunos e encarregados de educação. O mesmo teve uma grande adesão por parte dos alunos, contando com 46 participantes, o número máximo permitido. Após reuniões com os encarregados de educação e alunos, o mesmo veio a realizar-se como previsto, tendo um feedback positivo por parte de todos os envolvidos.

Esta atividade na minha perspetiva correu muito bem, existindo sempre um clima de respeito, cooperação e entreaajuda por parte de todos, facilitando assim o bom funcionamento das atividades. Estando as atividades já definidas e geridas pela empresa que nos acompanhou, o meu papel foi fundamentalmente ajudar no solicitado durante as atividades, orientando a equipa que liderei e auxiliando nas atividades com o necessário.

Futuramente, caso se reúnam condições, gostaria de organizar eventos semelhantes, permitindo aos meus alunos experienciarem matérias pouco abordadas em contextos diferentes, contactando com a natureza - algo cada vez mais raro – e aumentar a ligação professor-aluno e aluno-aluno, algo imprescindível para que as aulas aconteçam num ambiente favorável à aprendizagem.

3.3.3. Participação em outras atividades escolares

Ao longo do ano letivo, foi delineado um plano de atividades desportivas organizado pelo GEF, onde os professores estagiários deveriam auxiliar nas mesmas consoante a necessidade. Iniciamos essa participação com a receção dos alunos do 5ºano, onde ajudamos na organização das várias atividades desportivas e de “quebra gelo”. Também o dia Europeu do Desporto na Escola foi celebrado, ficando a ajudar na organização da atividade com bicicletas, num circuito por toda a área da escola. Para além destas atividades, dei o meu contributo na organização do corta-mato escolar e todos os torneios que foram acontecendo ao longo do ano letivo, como o torneio de badminton, basquetebol e voleibol. Esta ajuda na organização das várias atividades foi uma mais valia para o aperfeiçoamento de *skills* de organização e gestão, principalmente em meio escolar que é algo que necessitarei em qualquer escola que possa vir a trabalhar. Também a participação em provas concelhias como o corta-mato na Quinta da Marinha ou o torneio de voleibol em São João do Estoril ajudaram a conhecer outras realidades de outras escolas, bem como o convívio com diferentes professores e diferentes organizações.

3.4. Área 4 – Relações com a comunidade

Esta área enfatiza a relação com a comunidade, especialmente no papel do Diretor de Turma (DT), sendo esse o foco principal. Segundo o Decreto Regulamentar n.º 10/99 de 21 de julho – artigo 7.º, são concedidas ao DT as seguintes diretrizes:

1 - A coordenação das atividades do conselho de turma é realizada pelo diretor de turma, o qual é designado pela direção executiva de entre os professores da turma, sendo escolhido, preferencialmente, um docente profissionalizado.

2 - Sem prejuízo de outras competências fixadas na lei e no regulamento interno, ao diretor de turma compete:

a) Assegurar a articulação entre os professores da turma e com os alunos, pais e encarregados de educação;

b) Promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos;

c) Coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de atividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e à especificidade de cada aluno;

d) Articular as atividades da turma com os pais e encarregados de educação promovendo a sua participação;

e) Coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu carácter globalizante e integrador;

f) Apresentar à direção executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido.

Ao longo do ano letivo acompanhei a direção de turma do 10ºC, onde consegui perceber e fazer parte das funções da mesma, participando nas assembleias de turma, na preparação das reuniões de avaliações e com os encarregados de educação e em todas as burocracias que fazem parte desta função. A diretora de turma que coadjuvei mostrou-se sempre disponível para as minhas questões, incentivando-me na participação das atividades ao longo das várias etapas e orientando-me nas diversas tarefas desta função. Para me familiarizar com este papel, no início do ano letivo participei numa reunião de diretores de turma do ensino secundário, onde consegui perceber que existe muita legislação que deve ser sabida para deter este cargo, bem como as obrigações do mesmo.

Essa reunião foi bastante confusa para mim, pois utilizaram muitos termos desconhecidos, o que me levou a fazer alguma pesquisa autónoma e também a tirar dúvidas mais tarde com a diretora de turma e professora orientadora.

Ouve também uma reunião com os encarregados de educação que foi importante para perceber a dinâmica, como deve ser a relação do diretor de turma com os mesmos e que assuntos são normalmente tratados nestes encontros. Em ambas as reuniões referidas, apresentei uma caracterização da turma e disponibilizei-me para possíveis dúvidas que surgissem, nomeadamente alguns encarregados de educação tiraram dúvidas em relação ao DE.

Nesta coadjuvação combinei com a DT participar nas assembleias de turma com os alunos e também um encontro semanal para que pudesse esclarecer dúvidas e me ensinasse tudo o que fosse pertinente. Nesses encontros tenho aproveitei para perceber como se mexe na plataforma INOVAR como diretor de turma, como justificar faltas ou como contactar os pais. Também as assembleias de turma foram pertinentes, percebendo assim a dinâmica entre DT e alunos, a melhor forma de lidar com a turma e inteirando-me de assuntos pertinentes como a associação de estudantes e o seu funcionamento.

Sendo uma turma calma onde não existiram grandes problemas, o trabalho prendeu-se essencialmente em auxiliar na preparação das reuniões que surgiram ao longo dos semestres, tanto com encarregados de educação como com o conselho de turma nas diversas avaliações, onde ajudei a preparar toda a burocracia obrigatória e também fiz algumas apresentações como o estudo de turma para o conselho de turma ou a apresentação do projeto de área 3, o acampamento em Foz de Alge, para os encarregados de educação.

Considero que tive um papel ativo nesta coadjuvação, procurando estar dentro de todos os assuntos, não só com a DT mas também com a turma, onde fui abordada algumas vezes por alunos que me consideravam como parte da direção de turma e me questionaram sobre assuntos da mesma. Considero este último um ponto importante que revela que parte do objetivo principal foi bem sucedido nesta área.

Este papel ativo que tive nesta área de relações com a comunidade permitiram-me uma maior proximidade com o pessoal docente, algo que ajudou no processo de investigação da área 2, bem como na proximidade com alguns docentes de outras áreas, expandindo o meu conhecimento a outras vertentes diferentes da educação física. Futuramente, o trabalho desenvolvido nesta área será muito útil pois haverá sempre a possibilidade de

assumir uma direção de turma, e caso aconteça, as bases adquiridas ao longo desta coadjuvação serão sem dúvida uma mais-valia para todo o processo que envolve ser responsável por uma turma.

Reflexão final

A experiência adquirida de forma prática e não apenas teórica permitiu-me vivenciar ao longo de um ano letivo a real profissão de um professor e o que considero ser imprescindível para o sucesso da mesma. As quatro áreas de estudo complementam-se e é fundamental ver todo o processo de estágio como um todo, aproveitando o conhecimento adquirido numa área específica para complementar a outra.

Na área 1 – planeamento, avaliação e condução de ensino, considero que o planeamento foi o meu ponto forte e o que com toda a certeza vou adotar no futuro pois sem essa base, todas as outras ficarão comprometidas. Por outro lado, a avaliação e condução de ensino são áreas onde terei de investir mais tempo para que o conhecimento adquirido se torne natural e intuitivo, beneficiando eu e todos as pessoas com que poderei vir a trabalhar. Considero esta área como a base de todo o processo de ensino, onde se trabalha os pontos principais que permitem desenvolver todo o trabalho que a profissão exige.

Na área 2 – inovação e investigação pedagógica, possibilitou-me desenvolver uma vertente diferente do ensino ligada à investigação, nomeadamente a um estudo que envolveria a comunidade escolar. Não me suscitando muito interesse a área da investigação, neste contexto permitiu-me adquirir conhecimentos que poderei utilizar no futuro, como o tratamento de dados em plataformas como excel ou SPSS. Considerando a área em que tive mais dificuldades de todas, gostaria de no futuro aperfeiçoar o trabalho elabora nas plataformas anteriormente referidas pois são ferramentas úteis em várias vertentes e que me auxiliaram com toda a certeza.

Na participação na escola – área 3 – o desporto escolar foi o ponto forte da mesma, onde realmente senti uma evolução notória durante o ano letivo. Foi a área que me deu mais prazer trabalhar e por consequência a que “colhi mais frutos”.

No que diz respeito à área 4, relações com a comunidade, o trabalho desenvolvido de coadjuvação da direção de turma levou-me a uma vertente diferente do ensino que tem uma grande importância nas relações professor-aluno e professor-encarregado de educação. Consegui perceber a importância do papel do diretor de turmas nestas relações bem como toda a logística de avaliações e reuniões que o mesmo tem de organizar. Foi sem dúvida fundamental tudo o que aprendi e estarei melhor preparada para num futuro assumir este cargo.

Terminando um ano de estágio intenso e tentando resumi-lo em palavras neste relatório, a interrogação de como será o meu futuro como professora persiste, com alguma incerteza de como irá correr, mas com a convicção que aproveitei este ano para experienciar tudo o que me foi possível. Olhando para o início do ano letivo e todo o trabalho que fui desenvolvendo a partir daí, posso afirmar com toda a certeza que a evolução foi notória e que pretendo dar continuidade a essa evolução ao longo da minha vida profissional.

Foi um ano de altos e baixos, onde a exaustão de tentar conciliar este estágio com a vida profissional e pessoal por vezes me fez questionar se valeria a pena o esforço, mas o gosto que fui ganhando por esta profissão e a ambição que tenho em fazer dela o meu futuro falaram sempre mais alto, o que me leva a fazer um balanço positivo de toda esta experiência. Contudo, identifico várias dificuldades nas quatro áreas de estudo, devido à falta de experiência e por vezes à má organização de tempo investido nas mesmas. Para ultrapassar essas dificuldades, é essencial o estudo contínuo, o procurar soluções, o questionar tudo o que me inquietar e mesmo o que achar que já não é necessário questionar. A procura constante por melhorar as minhas capacidades é algo que adoto na minha vida como um “lema” e algo que na minha vida profissional vai sempre estar presente. Porque nunca sabemos demais e nunca sabemos tudo.

Bibliografia

- Araújo, F. (2007). A avaliação e a gestão curricular em Educação Física—um olhar integrado. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (32), 121-133.
- Barreira, C., Boavida, J., & Araújo, N. (2006). Avaliação formativa: novas formas de ensinar e aprender. *Revista portuguesa de pedagogia*, 95-133.
- Carreiro da Costa, F. (1986). No clube também se ensina... e se aprende. *Horizonte*, 3 (16), 119-123.
- da Costa, F. C. (1996). Condições e factores de ensino-aprendizagem e condutas motoras significativas: uma análise a partir da investigação realizada em Portugal. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (14), 7-32.
- Costa, J., Onofre, M., Martins, M., Marques, A., & Martins, J. (2013). A relação do trabalho coletivo do grupo de Educação Física com a gestão da ecologia da aula. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (37), 61-80.
- Fino, C. N. (2001). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de educação*, 14, 273-291.
- Gomes, L., Martins, J., & Carreiro da Costa, F. (2017). Estilos de ensino em Educação Física. *Educação física escolar: Referenciais para um ensino de qualidade*, 87-108.
- Harlen, W. (2006). On the Relationship Between Assessment for Formative and Summative Purposes. In J. Gardner (Ed.) *Assessment and Learning*. (pp. 103 - 117) Londres: SAGE Publications.
- Januário, C. (2017). O planeamento de jovens professores de Educação Física. *Educação Física escolar: referenciais para o ensino de qualidade. Belo Horizonte: Casa da Educação Física*, 109-118.
- Justino, David. (2017). Competências para um Mundo Globalizante. Em Fórum Globalização e Educação – Ameaças e Desafios. Madeira (Santana), 5 e 6 de julho.
- Martins, Maria do Carmo (2014). "Turmas heterogéneas no ensino superior: um desafio para o professor e para o aluno". «European Scientific Journal», Special/edition Vol.1, 242-249. ISSN 1857-7431

Matos, M. (2010). Diferenciação curricular: uma abordagem às práticas de intervenção educativa no 2º ciclo do ensino básico (Tese de doutoramento não publicada). Universidade Técnica de Lisboa, Cruz Quebrada

Mosston, M., & Ashworth, S. (2008). Teaching physical education. *First online Editions*

Nóvoa, A. (1989). Profissão: professor. reflexões históricas e sociológicas. *Análise Psicológica*, 7, 435-456.

Onofre, M. (1995). Prioridades de Formação Didática em Educação Física. *Boletim SPEF*, 12, 75-97.

Onofre, M., & Teixeira, M. (2009). Dificuldades dos professores estagiários de educação física no ensino. Sua evolução ao longo do estágio pedagógico. X Symposium Internacional sobre el practicum y las praticas en empresas en la formación universitária, (pp. 1159-1170).

Perdigão, M. (2005). Português Língua Não Materna no Currículo Nacional–Documento Orientador. *Ministério da Educação-Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular*.

Polakow, V. (1993), *Lives on the Edge: Single mothers and their children in the other America*. Chicago: The University of Chicago press

Quina, João do Nascimento (2009). A organização do processo de ensino em Educação Física. Bragança: IPB, ESE, 2009. ISBN 978-972-745-101-2

Quina, J., Carreiro da Costa, F., & Alves Diniz, J. (1998). O feedback pedagógico. Análise da informação retida pelos alunos em aulas de Educação Física.

Saraiva, C. (2017). Compromissos para o ensino e avaliação na Educação Física: uma experiência de contextualização do Programa Nacional. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (40), 49-58.

Vasconcelos, T. (2007). A importância da educação na construção da cidadania.

Legislação consultada

Decreto de lei nº75/2008 de 22 de Abril: Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário

Decreto de lei nº51/2012 de 5 de Setembro: Aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, que estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação, revogando a [Lei n.º 30/2002](#), de 20 de dezembro

Decreto de lei nº10/99 de 21 de Julho: Regulamenta o regime de autonomia, administração e gestão aplicável aos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, aprovado pelo [Decreto-Lei n.º 115-A/98](#), de 4 de Maio, estabelecendo as competências das estruturas de orientação educativa, bem como o regime de coordenação das mesmas estruturas